CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
20 de novembro de 2026

BILLY JIM/ 1922

Um Filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage/ Argumento: Frank Howard Clark, segundo uma história de Jackson Gregory/ Intérpretes: Fred Stone (Billy Jim), Millicent Fisher (Martha Dunforth), George Hernandez (Dudley Dunforth), William Bletcher (Jimmy), Marion Skinner (Mrs. Dunforth), Frank Thorne (Roy Forsythe).
Produção: Andrew J. Callaghan, para a Fred Stone Productions/ Cópia: em 35mm, preto e branco com tintagens, muda, legendada eletronicamente em português/ Duração: 62 minutos a (18 fps) / Estreia Mundial: 29 de Janeiro de 1922/ Inédito em Portugal/ Primeira exibição na Cinemateca: "Ciclo Frank Borzage", abril-junho 1990.

_____

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

_____

No seu estudo indispensável sobre o western dos anos 20, "L'Alliancé Brisée", Jean-Louis Leutrat fez um exaustivo estudo sobre a importância do género na produção daquela década em termos quantitativos e sociológicos. Entre 1921 e 1929 calcula-se terem sido realizados 1.895 westerns (1.300 longas-metragens, 556 curtas metragens e 27 serials), o que dá uma média de cerca de 21% em relação à produção total de Hollywood. A importância do número mostra que o western desta década é um facto incontornável para quem queira entender o cinema americano. Se a desaparição da esmagadora maioria desta produção impede o estudo directo sobre a matéria mas a documentação existente pode servir de paliativo e esclarecer a forma como o público cinéfilo se foi formando nesta década não só nos EUA como pelo mundo fora (em 1926 75% dos filmes exibidos por todo o lado vinham dos EUA e Leutrat refere que grande parte deles eram westerns). O incremento da produção do género não teve apenas origem na procura por parte da juventude americana e dos meios rurais (ainda em 1926, continuando a referirmo-nos ao livro de Leutrat, um inquérito no Vermont e New Hampshire mostrava que 47% dos inquiridos preferiam westerns), mas em particular por parte da Europa, cativada pelo exotismo dos espaços livres, acrescido pela miragem de El Dorado que a América representava para os emigrantes. Já em 1911 um texto, nos EUA, criticava a superabundância de westerns que entusiasmavam os europeus. A aliança a que se refere o título do livro que temos vindo a citar, é a de que o género, durante este período, estabelecia com os outros com que partilhava os favores do público: as "love stories" e os "society dramas" (o que proporcionava saborosíssimos anacronismos), na preferência da juventude feminina, e o burlesco, quebrada no final da década e com a chegada do sonoro, quanto o western se cantonou num espaço particular com regras e leis praticamente imutáveis, mas sobrevivendo ainda nos anos 30 em séries populares (verificando-se agora a aliança com o musical, com o desfile de cowboys trovadores).
O que atrás ficou dito poderá explicar o tipo de western que vamos ver, possivelmente um entre muitos outros semelhantes. Para utilizar a referência de "aliança", BILLY JIM mistura elementos do western com o "society drama", a comédia sentimental e mesmo o burlesco, mas onde os elementos centrais têm um relevo maior marginalizando o primeiro, o que reflecte a própria evolução de Borzage. BILLY JIM será, praticamente, o seu último western

(se assim o classificarmos atendendo à fórmula de Leutrat), dado que VALLEY OF SILENT MAN feito nesse mesmo ano tem por pano de fundo o Canadá.

A estrutura de Billy Jim segue durante muito tempo a dos filmes dos popularíssimos Cheyenne Kid (Harry Carey), Tom Mix e Hoot Gibson, com o seu espírito de escuteiro. Vêmo-lo ao começo divertindo as crianças, servindo-lhes gelados, e procurando resolver as pequenas quezílias que se lhe depararam pela sua comunidade, o que introduz também o burlesco na sequência em que tenta pacificar o casal desavindo. E também impondo a justiça quando a lei não está presente, o que tem por consequência o melhor gag do filme, que é também uma paródia às habilidades com o laço que então os cowboys exibiam na tela. Espírito de escuteiro, comum a todos esses heróis do western, que volta a afirmar-se na forma como recusa usar as armas, que Martha lhe proíbe. Isto poderia levar-nos para outros campos, inclusive a sua conotação sexual, dada a forma como a arma é também objecto fálico no western, e tantas intrigas tem por tema esta proibição/castração, que termina geralmente, como em BILLY JIM, pela sua recuperação, simbolicamente entregue pela heroína. Mas para BILLY JIM essa proibição é também (e principalmente) de carácter social. É no luxuoso hotel onde vai decorrer grande parte da acção que Martha lhe exige que se desfaça da arma. As conveniências e a civilidade assim o impõem. E só a devolve quando Billy já não precisa dela no sentido directo. Fica o subentendido.

BILLY JIM circula com habilidade pelo meio de géneros tão díspares. No campo do burlesco já referimos o gag do laço e do casal desavindo. Resta ainda a indescritível sequência da bebedeira com Billy procurando a casa e acabando abraçado ao burro e por encontrar a heroína em situação pouco cómoda. E também o encontro dos automóveis na estreita vereda. As sequências do hotel seguem o modelo de comédia de sociedade e sentimental, onde se inscreve também o tema da personalidade encoberta de Billy Jim que só no final se revela o abastado rancheiro que a sua figura não deixava prever.

BILLY JIM é, pois, mais característico do western daquela década do que do cinema de Borzage, que ao tempo já se revelara em HUMORESQUE e BACK PAY. Talvez tenha sido isso que levou à sua escolha para dirigir BILLY JIM pois trata-se da única incursão, nesse ano, fora da companhia para que Borzage trabalhava. BILLY JIM é uma produção da sua vedeta, Fred Stone, mais popular nos palcos do que no cinema. Para além de alguns westerns nos anos 20 em que tentou explorar o modelo de Tom Mix destacou-se, na segunda metade dos anos 30, como "caracter actor", em particular em ALICE ADAMS, de George Stevens, ao lado de Katharine Hepburn, e THE WESTERNER, de William Wyler. Mas as suas maiores glórias teve-as no palco, celebrizando-se em 1903 pela sua criação do "Homem de Palha" do *Wizard of Oz*. Chegou a ser considerado como "a great American institution" pelos seus trabalhos em espectáculos de Broadway como *The Red Mill*, *Chin-Chin* e *The Girl From Up There*. BILLY JIM surge, desta forma, mais como um filme para Fred Stone e um western típico dos anos 20 do que um filme de Frank Borzage.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito em 1990.